

o homem de fato preto

sylvain reynard

Tradução de Ester Cortegano

Prólogo

*Museu da Fundação Cassirer
Cologny, Suíça
Dezembro de 2007*

— **P**odes parar de me aborrecer? — repreendeu a curadora do museu. Sorriu para o auscultador do telefone. — Estou quase a acabar.

Teve o cuidado de não soltar um gemido enquanto olhava para as pastas que cobriam o seu local de trabalho. O escritório estava escuro, iluminado unicamente pelo antiquado candeeiro verde sobre a secretária. Mas aquele era o tipo de iluminação que preferia. As luzes fluorescentes provocavam-lhe dores de cabeça.

— *Vou aí buscar-te. — A voz do irmão mais novo ao telefone estava tingida de exasperação. — Estamos há uma hora à tua espera.*

— Estamos? — A preocupação com as pastas e os seus conteúdos evaporou-se. A curadora endireitou-se na cadeira e as vértebras da sua coluna puseram-se de imediato em sentido.

O irmão fez uma pausa, e ela julgou ouvir o som de passos enquanto ele se dirigia para uma zona mais reservada.

— Quero que conheças uma pessoa.

A curadora sorriu.

— Levaste alguém a casa? Já a apresentaste à *maman* e ao *papa*?¹

— Sim, e tu também já a podias conhecer, se tivesses chegado à hora a que disseste que ias chegar — bufou ele. — Tens o sistema de alarme ligado?

— Deixo-o sempre ligado depois da hora de encerramento. O Thierry está por aí, a fazer as rondas. — Ela voltou a olhar de relance para a sua secretária. — Assim que desligar o telefone, ponho-me a caminho.

— Até já. Vem com cuidado.

¹ Em francês, no original. (*N. da T.*)

Ela ouviu o sorriso nas palavras de despedida do irmão e riu baixinho enquanto desligava. Ele trabalhava em Londres, ao passo que ela era responsável pela coleção de arte da família, em Cologny. Claramente, o irmão tinha conhecido alguém especial.

Sentia-se feliz por ele.

Arrumou a secretária e organizou as pastas em três pilhas direitas. Ligou a Thierry, o segurança, e pediu-lhe que a escoltasse ao longo do edifício até ao seu automóvel.

Com um último olhar para a secretária, pegou na mala e no casaco. Dez minutos mais tarde, olhou de relance para o seu relógio de pulso. Thierry ainda não tinha aparecido.

Voltou a marcar a extensão do segurança, mas ele não atendeu.

Consciente de que tinha o irmão e a namorada evidentemente importante à espera, a curadora apressou-se a desligar o candeeiro da secretária. Dirigiu-se para a porta e saiu para o corredor. Thierry continuava sem aparecer.

Verificou a maçaneta para confirmar se o escritório estava trancado e percorreu o corredor escuro. A luz do museu era sempre fraca, para preservar a coleção. Algumas peças individuais recebiam iluminação especial e direcionada, durante as horas de visita, mas a seguir ficavam a repousar na escuridão.

— Durmam bem, velhos amigos — murmurou ao passar por uma das salas de exposição.

Os seus saltos ressoavam no soalho enquanto ela vestia o casaco e ajustava a mala. Libertou o longo cabelo ruivo do colarinho ao aproximar-se do salão de exposição principal.

Qualquer coisa moveu-se rapidamente na sua visão periférica. Sobressaltada, virou a cabeça.

Focos de luz rasgavam o negrume do salão. Conseguiu distinguir apenas as silhuetas — algumas seguravam as lanternas enquanto outras arrancavam quadros das paredes.

Vestiam roupas escuras e usavam máscaras de esqui. Um raio de luz refletiu-se numa longa faca quando um intruso separou uma pintura da sua moldura, danificando irreparavelmente a obra-prima.

A curadora gritou ao ver aquela carnificina. Levou de imediato uma mão à boca, quando o som se escapou dos seus lábios.

Uma das figuras virou-se e apontou-lhe uma lanterna aos olhos.

Encandeada, deu um salto para trás, cambaleando sobre os saltos altos.

Ouviu o som dos passos quando o intruso correu na sua direção. Tentou recuperar o equilíbrio e virou-se, preparando-se para fugir.

Ele agarrou-a pelo cabelo e puxou-lho para trás.

— Não! — Deixou cair a mala, a esbracejar, e procurou libertar-se. Gritou e tentou acotovelá-lo nas costelas.

O intruso evitou os cotovelos dela e bateu-lhe com a lanterna. Ela continuou a gritar e fechou as mãos sobre as dele, debatendo-se violentamente.

Ele levantou a lanterna e fê-la descer sobre a cabeça da mulher.

As mãos dela perderam a força, ao mesmo tempo que colapsava de encontro a ele. Sentiu-se escorregar para o chão.

Tudo ficou às escuras.

Capítulo 1

Paris, França
Presente

O homem de fato preto saiu da limusina em frente ao Hotel Victoire, na bonita Avenue George V, a curta distância dos Champs-Élysées. Óculos escuros velavam-lhe os olhos. Examinou a área em volta enquanto abotoava o casaco do fato, antes de entrar com o guarda-costas. O seu telemóvel vibrou no momento em que entrava no hotel.

Removeu os óculos escuros e olhou fixamente para o ecrã. Depois estacou, tal como o guarda-costas, que ficou de vigia.

O polegar do homem deslizou pelo ecrã enquanto ele via uma série de fotografias. A sua expressão ensombrou-se. Tocou com um dedo no telefone e levou-o ao ouvido.

— Congele as contas da Silke e troque as fechaduras do apartamento dela. — Falava em alemão, o tom baixo e autoritário. — Não, não a notifique. Ela violou as condições do nosso acordo da forma mais flagrante possível. Ela sabe o que fez.

O homem terminou a chamada e continuou a caminhada na direção do balcão da receção. Movia-se com o tipo de fluidez e autoridade que fazia virar cabeças — como se fosse um atleta profissional.

Era muito alto, de cabelo escuro, grandes olhos escuros e uma figura ágil, atlética. Com exceção de uma óbvia deficiência, poderia ter sido descrito como atraente, belo, até.

Céline, uma das rececionistas, sorriu-lhe abertamente.

— Bem-vindo de novo ao Hotel Victoire, Monsieur Breckman. — Falava em francês, tendo o cuidado de o olhar diretamente nos olhos. — Preparámos a sua suite habitual.

O homem acenou com a cabeça, em sinal de assentimento.

Céline olhou de relance para trás do homem e reparou na presença do grande e corpulento guarda-costas.

— Mademoiselle Rainier chegará mais tarde?

— Mademoiselle Rainier não vem. — O hóspede fez um olhar carrancudo. — Pode retirar o nome dela da reserva.

Deu meia-volta, e os seus sapatos de pele feitos à mão ressoaram de encontro ao chão de mármore enquanto ele se dirigia para a secretária do *concierge*. A rececionista ficou a olhar para as suas costas, atónita.

Instalando-se numa cadeira ornada na frente da secretária do *concierge*, o homem deslizou um dedo pelo ecrã do telemóvel.

— Preciso de falar com o Marcel.

— Lamento, o Marcel, hoje, não está — replicou a *concierge*. — O meu nome é Acacia. Posso ser-lhe útil?

O homem ergueu os olhos escuros ao encontro dos dela. Estava aborrecido.

— Falei com o Marcel ontem. Ele ficou de combinar uma reunião.

— Com certeza. E o seu nome?

O homem bufou, impaciente.

— Pierre Breckman.

A mulher virou-se para o seu portátil e premiu algumas teclas, os olhos cor de avelã a estudar o ecrã.

— Lamento, Monsieur Breckman. Não há nada no seu registo a propósito de uma reunião. Deseja que lhe reserve algum dos nossos salões?

— Não, o que eu desejo é que me traga o Marcel. — Ele fitava-a com crescente hostilidade.

O olhar de Acacia desviou-se para o lado esquerdo do seu rosto.

Uma longa cicatriz descrevia uma curva pela sua face e virava na direção da boca. Era branca, destacando-se de encontro à sua pele morena, e muito profunda, como se alguém tivesse tentado dividir-lhe o rosto em dois. Num homem elegante em todos os outros aspetos, a cicatriz tornava-se ainda mais chocante.

Os olhos escuros semicerraram-se.

— Encontre-me o Marcel. Já.

Acacia deu um pulo, a mão movendo-se instintivamente para os caracóis no lado direito do seu rosto. Lançou-lhe um olhar de arrependimento.

— Desculpe.

O homem debruçou-se para a frente.

— Mantenha os olhos nas minhas contas. Tenho a certeza de que não as vai achar tão repelentes.

Acacia olhou de relance para o guarda-costas, de pé junto a um canto da sua secretária. Era ainda mais alto do que Monsieur Breckman, com pouco menos de dois metros e uns cento e dez quilos, no mínimo. Tinha a cabeça rapada e olhos de um azul-pálido.

Ela consultou o computador.

— O Marcel reservou a sua mesa habitual no Guy Savoy, às oito da noite. Vai precisar de automóvel?

— Não. — O homem voltou a recostar-se na cadeira. Como que numa retaliação pelo exame dela, avaliou-lhe despidoradamente os inteligentes olhos cor de avelã, a pele bronzada e impecável e o cabelo preto e encaracolado que usava cortado por altura do queixo. O seu lábio superior franziu-se. — O Marcel disse-me que ia estar de serviço.

— Sim, *monsieur*. Eu fui chamada para o substituir.

— Porquê?

— Sou membro de Les Clefs d'Or. — Os seus dedos roçaram no lenço vistoso que usava à volta da garganta e tocaram o alfinete com as chaves douradas na lapela. — O Marcel é o meu colega mais graduado, mas eu posso ajudá-lo em tudo o que necessitar.

— Não preciso da sua ajuda. Preciso do Marcel. — O homem martelou o telemóvel com movimentos curtos dos dedos. A chamada foi para o *voicemail*. — Ele não está a atender o telemóvel. Ligue-lhe para casa.

— Infelizmente, o Marcel não está contactável. — A voz de Acacia era contida. Estava a tentar ocultar a sua perturbação consultando o computador. — Vou mandar que levem champanhe e fruta à sua suite, e ele anotou a sua alergia aos morangos. Deseja que mande preparar o pequeno-almoço habitual para amanhã de manhã?

— Eu pergunto-lhe pelo Marcel e responde-me com morangos. — As sobrancelhas do hóspede uniram-se furiosamente. — O Marcel saiu do país? Acacia ergueu o olhar, atónita.

— Não, *monsieur*.

— Morreu?

— Com certeza que não!

— Se o Marcel não saiu do país e não morreu, então porque não está aqui? Acacia forçou-se a sorrir.

— Monsieur Breckman, eu tenho todo o prazer em...

O homem levantou-se abruptamente e voltou para o balcão da receção, onde se dirigiu a Céline.

— Diga ao gerente que encontre o Marcel e o mande à minha suite.

A *concierge* de serviço parece ter dificuldade em cumprir o mais simples dos pedidos. Pedi o Marcel nada menos do que quatro vezes e ela recusou-se a ajudar-me.

O homem marchou para os elevadores com o seu guarda-costas, os passos a ecoarem furiosamente pelo átrio principal.

Céline lançou um olhar empertigado a Acacia. Esta ergueu-se de detrás da sua secretária e tentou esconder o aborrecimento. De dentes cerrados, observou Céline a ligar ao gerente do hotel e a reportar as palavras do hóspede. Paul, o outro rececionista, não se deu ao trabalho de ocultar o seu interesse pela conversa. Parecia divertido.

Acacia começara a trabalhar como *concierge* no Hotel Victoire há poucos meses. Trabalhava arduamente para fornecer um serviço excepcional sem atrair atenções desnecessárias, escondendo-se por detrás da sua farda azul-escura e da secretária. A maior parte dos hóspedes tratava-a como tratava a mobília: com benigna indiferença. Monsieur Breckman estava no hotel há menos de quinze minutos e já a tornara conspícua.

Endireitou o casaco azul-marinho, sentou-se e ignorou o pessoal da receção e as suas reações. Encontrava-se acima deles na hierarquia do hotel, mas sempre os tratara com respeito. Agora estavam a apreciar demasiado o seu embaraço.

Virou-se para o lado do gabinete do gerente e preparou-se para a sua aparição. Sabia que estava em sarilhos. Só não sabia até que ponto.

Capítulo 2

Acacia viu Jacques Roy, o gerente do hotel, aproximar-se da sua secretária com uma série de passos pesados e agourentos. Usava um dispendioso fato azul e uma gravata às cornucópias que contrastava com o violeta da camisa.

Acacia pensou que ele parecia um mirtilo.

Monsieur Roy esperou até chegar suficientemente perto para falar com ela sem atrair a atenção dos hóspedes.

— O que aconteceu com Monsieur Breckman?

Acacia ergueu-se de detrás da sua secretária. Ascendia a um metro e oitenta, com os seus saltos de cinco centímetros, e olhou de cima o seu supervisor, que media um metro e sessenta e dois.

— Ele fazia questão de falar com o Marcel. Expliquei-lhe que o Marcel não estava disponível e ele ordenou que a Céline contactasse consigo.

As feições de Monsieur Roy tornaram-se ansiosas.

— Explicou-lhe que o Marcel está no hospital?

— Não, *monsieur*. Deu-nos instruções para não respondermos a perguntas incómodas sobre o seu paradeiro.

O gerente inalou ruidosamente.

— Aprecio a sua discrição, mas não há nada mais incómodo do que aborrecer um *hóspede altamente valorizado*. Podia ter-lhe dito que o Marcel teve um acidente.

Acacia conteve uma réplica dura.

— Sim, *monsieur*.

O gerente endireitou a rosa vermelha que usava na lapela.

— Vou falar com Monsieur Breckman. Vai ter de lhe pedir desculpa

e convencê-lo de que é capaz de fornecer o mesmo nível de serviço que o Marcel. E tenha o cuidado de ignorar a cicatriz.

Ela engoliu em seco. *Tarde de mais*, pensou.

Monsieur Roy endireitou-se em toda a sua altura.

— É a segunda vez que tem um conflito com um *hóspede altamente valorizado*. Tive grandes expectativas a seu respeito, Acacia, mas não vai ficar no Victoire se este padrão continuar.

O gerente afastou-se, empertigado, como um pequeno e corpulento pavão, enquanto Acacia se esforçava ao máximo para não soltar o seu palavrão brasileiro preferido.

Depois de subir à *penthouse*, Monsieur Roy regressou à secretária do *concierge* e escoltou Acacia até lá acima. Ela sentia-se como se fosse uma criminosa a aguardar a sentença.

Monsieur Breckman reservara a suite da *penthouse*, um dos melhores quartos do hotel. A suite contava com um terraço que oferecia uma vista de trezentos e sessenta graus sobre Paris. Ao crepúsculo, podia-se relaxar ali fora e olhar para a Torre Eiffel enquanto as suas luzes se acendiam.

Foi o enorme e careca guarda-costas que abriu a porta. Ouvia-se ao longe o hóspede, embrenhado numa acesa conversa.

— Perdemos o nosso intermediário. Substitua-o ou terá de procurar outro comprador. Não me vou arriscar...

Sem um comentário, o guarda-costas fechou a porta na cara de Monsieur Roy.

O gerente passou uma mão sobre os olhos. Respirou fundo e voltou a bater.

Um momento mais tarde, o guarda-costas reabriu a porta. Monsieur Breckman estava ao seu lado, e olhou-o do alto com irritação.

— Sim?

— A Acacia deseja falar consigo. — O gerente olhou-a pelo canto do olho.

Acacia agarrou com força a agenda encadernada a pele que trazia na mão.

— Peço desculpa por não ter revelado a situação de Marcel, *monsieur*.

O hóspede franziu o sobrolho.

— Uma hospitalização não é um segredo de estado.

O queixo de Acacia espetou-se.

— Não desejava alarmá-lo.

— A informação sobre a agressão ao Marcel pode ser crucial para a segurança dos seus hóspedes. Para a minha segurança, *mademoiselle*.

— Peço desculpa — repetiu ela.

O homem olhou para o muito mais baixo gerente com aversão.

— E quanto a si, Jacques? Porque não foi o meu pessoal de segurança avisado de que o Marcel foi atacado a poucos passos do hotel? Eu deveria ter sido notificado antes da minha chegada.

O gerente pareceu apanhado de surpresa. Ergueu as mãos num gesto conciliatório.

— Queremos garantir que recebe toda a informação de que necessita. Mas, como a Acacia mencionou, não desejávamos alarmá-lo.

— Claro que não, isso ia ser mau para o negócio. Eu podia ter decidido ficar antes no Ritz. — Breckman lançou um olhar malicioso ao gerente. — E, assim, mandou a *mademoiselle* à minha suite para ela pedir desculpa por uma decisão que é sua?

— *Monsieur* — interveio Acacia. — Agora que sabe da situação do Marcel, espero que permita pôr-me ao seu serviço ao longo da sua estadia.

O hóspede observou-a.

— É corajosa. — Virou-se e olhou para o gerente com um ar carrancudo. — Mais do que o seu chefe.

O gerente começou a gaguejar, mas Monsieur Breckman interrompeu-o, fazendo um aceno de cabeça na direção de Acacia.

— Tem a minha atenção, *mademoiselle*.

— Estudei na Sorbonne e falo seis línguas. Tenho contactos por toda a cidade e orgulho-me de abrir portas para os nossos hóspedes. Como mencionei lá em baixo, sou membro de Les Clefs d'Or.

A expressão do homem tornara-se, de imediato, menos severa.

— Na Sorbonne?

— Sim, *monsieur*. — Acacia resistiu à tentação de olhar para a cicatriz.

O hóspede olhou-a atentamente.

— Deve haver alguma coisa em que me possa auxiliar.

— Excelente. — O gerente estendeu a mão ao hóspede, que lha apertou. — Bem-vindo de volta ao Hotel Victoire.

O gerente lançou um olhar vincado a Acacia e desapareceu pelo corredor.

Monsieur Breckman manteve-se ao lado do gigantesco guarda-costas. Nenhum deles fez qualquer gesto, nem para a convidar a entrar, nem para a dispensar.

— Como posso ajudá-lo? — perguntou Acacia.

O homem dirigiu-se ao seu guarda-costas em inglês, com sotaque de Oxbridge.

— Está tudo bem, Rick. Duvido que a *mademoiselle* seja uma ameaça.

Rick abriu por completo a porta e deixou Acacia entrar. Depois de a fechar, manteve-se ali de lado, entre ela e o seu empregador.

O homem virou-se abruptamente e atravessou o corredor.

Os olhos de Acacia seguiram-no. O seu passo desapressado e ombros quadrados expressavam confiança e controlo. Quando desapareceu de vista, ela voltou a concentrar a sua atenção no guarda-costas.

Rick não oferecia grande coisa em termos de contacto, para além de um olhar vazio. Acacia levou a mão à maçaneta da porta, com a intenção de sair dali.

— Rick, acompanhe Mademoiselle Santos à sala — fez-se ouvir a voz de Monsieur Breckman do fundo do corredor.

Acacia sobressaltou-se, surpreendida por o hóspede saber o seu apelido. Tinha a certeza de que Monsieur Roy não o usara.

Rick acenou com o queixo na direção de onde o seu patrão desaparecera.

Ela dirigiu-se para a sala de estar, sentindo-se ansiosa. Não fazia ideia do que o hóspede iria dizer ou fazer a seguir.

A sala da *penthouse* estava elegantemente decorada a brocado dourado e azul-pálido, com cortinados de seda cor de marfim e mobília imponente. Grandes arranjos de flores frescas ornavam um armário de madeira antigo. Após uma curta e sussurrada troca de palavras entre o homem e Rick, este desapareceu na sala ao lado e deixou a porta entre os dois espaços entreaberta.

A partida de Rick atraiu a atenção de Acacia para as janelas do chão ao teto, cujas cortinas tinham sido abertas. Conseguia ver dali o impressionante terraço e, em frente, a Torre Eiffel.

Acacia prendeu a sua agenda de *concierge* debaixo do braço. Perguntou-se como teria Monsieur Breckman descoberto a verdade por detrás da ausência de Marcel. *Deve ter alguma fonte na polícia.*

O hóspede deitou cubos de gelo num copo. Verteu vodca de uma garrafa de *Grey Goose* e agitou a mistura antes de adicionar água tônica e uma rodela de limão.

Levou o copo aos lábios e fez uma pausa, a sua atenção presa no elegante espelho pendurado por cima do bar.

Acacia reparou que o homem se virava cuidadosamente de forma a não conseguir ver a própria cicatriz.

Baixou o olhar para os sapatos, embaraçada por ter testemunhado um momento tão íntimo.

— Decidi reforçar a minha equipa de segurança — anunciou. — Quando os homens chegarem, gostaria que os escoltasse até aqui. Vou usar a entrada das traseiras do hotel, a partir de agora.

— Com certeza — respondeu Acacia. — Suponho que a sua segurança deverá querer conferenciar com a do hotel. Posso combinar uma reunião.

— De modo nenhum. A segurança do hotel falhou com o Marcel.

Acacia ficou irritada.

— Posso garantir-lhe que estamos todos muito preocupados com o que aconteceu. A gerência está a tomar medidas para resolver a situação.

— Vai perdoar-me se não confiar na gerência. — O homem encostou-se ao bar, de costas para o espelho. — Estou curioso. Quando é que soube do ataque?

Acacia hesitou.

O homem arqueou uma sobrancelha.

Ela engoliu em seco.

— Ontem à noite. Monsieur Roy ligou-me para casa.

— O Marcel tinha algum inimigo? Uma amante rejeitada? Alguém que pudesse desejar-lhe algum mal?

— Não estou familiarizada com a sua vida pessoal. Alguns dos nossos hóspedes são... um desafio mais acentuado. — Acacia evitou cuidadosamente olhar para o hóspede, naquele momento. — Mas o Marcel é respeitado. A polícia disse que foi um assalto.

— Se foi isso que a polícia disse, mentiu. Um assalto é um crime de oportunidade, conduzido rapidamente e com violência mínima. O Marcel ficou com vários ossos partidos e danos na cabeça. Foi atacado pouco depois do final do seu turno e arrastado para a esquina, fora da vista dos porteiros do hotel. Isso parece-me premeditado, não oportunista.

Os olhos de Acacia dilataram-se.

— Como sabe isso tudo?

O homem levou o copo aos lábios.

— Pesquisa.

— Porque haveria a polícia de mentir?

— Falou com eles diretamente?

— Fui interrogada por um agente quando cheguei esta manhã, mas ele não me disse nada. Foi Monsieur Roy que falou com o pessoal. — Acacia deu um passo em frente. — Porque haveria alguém de querer fazer mal ao Marcel?

— Essa é uma boa pergunta. — O hóspede agitou o conteúdo do seu copo.
— Alguém precisa de falar com a polícia. O Marcel pode continuar em perigo.

— Os polícias parisienses não são estúpidos. Sabem isto muito bem, não precisam que lho digam.

Acacia ponderou estas palavras. Tinha um contacto na Brigade de Répression du Banditisme, mas não tinha muita vontade de falar com ele. Perguntou-se que contactos teria Monsieur Breckman.

Inclinou a cabeça na direção do corredor.

— Devia regressar à minha secretária, para receber o seu destacamento de segurança.

O hóspede regressou ao sofá. Sentou-se e esticou as longas pernas.

— É portuguesa, *mademoiselle*?

— Brasileira.

»*Monsieur*, lembro que tem a sua reserva no Guy Savoy às oito horas. Certamente, deverá querer descansar antes do jantar. Se é tudo, desejo-lhe uma boa noite. — Obrigou-se a sorrir e virou-se para sair.

— Há quanto tempo vive em Paris?

Acacia parou. Evitava partilhar informações pessoais com os hóspedes, mas estava demasiado ciente da ameaça do gerente. Monsieur Breckman era um *hóspede altamente valorizado*.

Encarou-o.

— Vim para Paris para estudar.

— É estudante de línguas?

Ela examinou a sua expressão. Se o hóspede estava a fingir o seu interesse, era um ator excepcional.

— Entre outras coisas.

— Tais como? — Os olhos escuros prenderam-na ao chão.

— Estudei arte. — A postura dela tornou-se mais tensa.

O homem arqueou as sobrancelhas.

— Que período?

— O impressionismo.

Breckman acenou na direção de uma reprodução de um quadro de Edgar Degas, *Lição de Dança*, pendurada na parede em frente.

— É a responsável por aquilo?

Ela sorriu para si mesma.

— Não, o hotel tem um *designer* de interiores que é o responsável pela decoração.

— Sinto que Degas não é dos seus favoritos.
— Prefiro Monet.
— Monet é muito popular.
— Poder-se-ia argumentar que Degas é ainda mais popular, se se tiver em consideração o número de obras suas que têm sido roubadas.
— Roubadas? — repetiu o hóspede, com os olhos subitamente atentos.
— Houve o roubo do Museu Gardiner, na América. E o Musée d’Orsay perdeu *As Coristas*, roubado numa altura em que tinha sido emprestado a Marselha.
— Sim, mas *As Coristas* foi recuperado. Infelizmente, as obras do Gardiner nunca foram encontradas. — O hóspede terminou o resto da sua bebida. — O que pensa de Matisse?
Acacia franziu o sobrolho.
— Matisse é pós-impressionista.
A boca de Monsieur Breckman revirou-se para cima.
— A sério?
O sobrolho de Acacia franziu-se ainda mais.
— Estou só a brincar — disse o homem num tom calmo.
Quando a expressão de Acacia não se suavizou, o sorriso dele esmoreceu.
Dirigiu-se para o bar.
— Posso oferecer-lhe uma bebida?
Acacia pestanejou.
— Obrigada, mas estou de serviço.
— Claro, esqueci-me. — Ele preparou outro vodka com água tónica para si mesmo. — Sabe se Monsieur Roy deu início a algum novo protocolo a respeito da saída do pessoal do hotel depois do anoitecer?
— Não. Ele contou-nos o que aconteceu ao Marcel. Concordámos em cooperar com a investigação da polícia.
— Não sugeriu que ninguém recebesse uma escolta?
— Não. — *A concierge* passou o caderno para a outra mão. — Pensa que estamos em perigo?
O homem olhou para ela através do espelho.
— O que acha?
— Não consigo imaginar que tipo de criminoso atacaria um *concierge*.
— Tocou nos alfinetes da lapela, desconfortável. — O nosso trabalho é ajudar as pessoas.
O homem virou-se.
— Usa o metro nas suas deslocações entre casa e hotel?

— Normalmente, não.
— Tem automóvel?
— Uso uma mota.
— Uma mota? — As riscas escuras das sobranceiras do homem quase subiram até ao limiar do cabelo.

Ela ocultou um sorriso.

— Sim.

— Espero que ande de capacete. Em Paris os condutores são loucos.

— Sim, *monsieur*. — Ela adotou um tom sério. — Uso sempre capacete.

Os olhos escuros do homem cruzaram-se com os dela.

— Quando sair esta noite, assegure-se de que um dos porteiros a escolta até à sua mota. Insista com ele para que fique consigo até você partir em segurança.

Acacia mudou o peso do corpo de um pé para o outro, surpreendida com a demonstração de preocupação por parte do hóspede.

— Vou estar mais vigilante nas viagens de e para o hotel. Mas devo mencionar que estamos numa zona segura da cidade.

— A falta de cuidado da gerência com o seu pessoal é verdadeiramente assombrosa. — O homem concentrou-se na sua bebida. — A não ser...

Quando o hóspede não continuou, Acacia insistiu.

— *Monsieur?*

Ele pousou a bebida no bar e desapareceu no quarto, deixando para trás uma desconcertada Acacia.

Regressou um momento depois, trazendo uma distintiva caixa vermelha, gravada a ouro. Olhou-a com solenidade.

— Hoje não está a ser um bom dia.

— Lamento, *monsieur*.

— Não tanto como eu. Receio ter sido estúpido e estou a sofrer as consequências dessa minha estupidez. — Suspirou. — Preciso de contar com a sua discrição.

— Com certeza. Como *concierge*, a discrição é essencial.

— O Marcel tinha feito certas... combinações que precisam de ser desfeitas. — Estendeu-lhe a caixa. — Poderia devolver isto à Cartier, pessoalmente?

— Claro. — Pegou na caixa e controlou cuidadosamente a sua reação. Perguntou-se se estaria a segurar um anel de noivado.

Sentiu uma ponta de compaixão pelo hóspede. Tinha visto na sua ficha que, supostamente, haveria uma mulher a acompanhá-lo. Talvez a sua má disposição estivesse relacionada com problemas sentimentais.

Olhou para Monsieur Breckman com outros olhos.

— Haverá algo mais que eu possa fazer?

— Há outros artigos. — Ele inclinou a cabeça para o quarto. — Preciso que sejam devolvidos.

— É claro. Devo removê-los neste momento?

Ele anuiu.

Acacia passou por ele e entrou no quarto, onde viu três grandes sacos de compras em cima da cama, ostentando logotipos das marcas *Chanel*, *Louis Vuitton* e da *designer de lingerie Modiste*.

O hóspede gastara uma quantidade substancial de dinheiro em presentes luxuosos e, possivelmente, num anel de noivado, apenas para ter de pedir a uma estranha para os devolver. Acacia uniu os lábios com força para evitar fazer um comentário. Duvidava que o hóspede gostasse da sua compaixão.

Reuniu os sacos com ambas as mãos, tendo dificuldade em segurar todos eles, juntamente com a caixa para a Cartier e a sua agenda, antes de voltar à sala de estar.

— Precisa de mais alguma coisa?

— Não. — O homem enfiou as mãos nos bolsos.

— Espero que desfrute da sua noite no Guy Savoy. Devo mencionar que a sopa de alcachofra com trufa negra é muito recomendada.

Monsieur Breckman retirou a sua bebida da bancada. Virou-se e olhou-a nos olhos.

— Obrigado.

— De nada — Acacia arriscou um pequeno sorriso antes de sair.

Capítulo 3

A *Modiste* não aceitava devoluções de *lingerie* feita por medida. Nada se poderia apontar ao gosto de Monsieur Breckman: escolhera um corpete de cetim azul-pálido debruado a preto e dois conjuntos de cuecas e sutiã, em vermelho e em preto. Os artigos estavam confeccionados com todo o requinte e tinham sido criados obviamente para uma mulher alta e magra, com seios pequenos.

Monsieur Breckman ia ter de ficar com a *lingerie*. Acacia esperava que ele apreciasse os artigos.

Devolveu tudo o resto, incluindo um invejável par de brincos de diamantes da Cartier. Em cada uma das boutiques que visitou, fez questão de se apresentar aos gerentes, alguns dos quais conhecera previamente pelo telefone. O sucesso de Acacia como *concierge* estava, em grande parte, relacionado com a sua atitude perante a profissão: abordava cada tarefa não como um fardo mas como uma oportunidade, cultivando amizades e mostrando-se sempre educada e profissional.

No final do turno, trocou a farda por umas calças de ganga, blusão de pele e botas de *motard*. Yusuf, um dos porteiros, teve a amabilidade de a acompanhar ao seu veículo e de ficar a vê-la partir. Acacia tinha confiança na sua capacidade de se proteger a si própria, mas a esta confiança aliava-se a sensatez. Ter uma escolta poderia demover um potencial atacante.

Era verão em Paris. O tempo estava quente e o sol continuava a brilhar quando ela arrancou da Avenue George V, com a sua bordadura de árvores, e virou à direita para os Champs-Élysées, movendo-se na direção oposta ao Arco do Triunfo. Acacia acelerou a moto enquanto ziguezagueava por entre o trânsito na avenida com várias faixas de rodagem.

Podia ter evitado o tráfego intenso nos Champs e seguido uma rota mais eficiente, mas não o fez. Gostava da vista ao longo da avenida e suportava as filas por causa disso.

O vento chicoteava-lhe o rosto e agitava-lhe os caracóis que se tinham escapado do volumoso capacete. Com um ou dois rápidos olhares de apreciação, passou pelo Grand Palais, pelo Petit Palais e aproximou-se da Place de La Concorde, antes de rumar a sul na direção do Rio Sena.

Acacia teve de se obrigar a desviar os olhos do rio para os manter nos automóveis à sua frente. O Sena era hipnotizante. Passava horas a deambular pelas suas margens e pontes, por vezes com amigos, outras, sozinha.

Barcos carregados de turistas subiam e desciam o rio. Mas o Sena estava cheio, este verão, na sequência de duas semanas de fortes chuvadas. Quando chegou à Pont des Arts, uma das suas preferidas, viu um barco turístico dar meia-volta — a ponte estava demasiado baixa para conseguir passar.

Acenou ao Louvre à sua esquerda antes de continuar para a Pont Notre Dame, atravessando para a Île de la Cité e seguindo para a Rive Gauche.

Antes de sair da ilha, Acacia fez um desvio junto da Catedral de Notre-Dame, abrandando a velocidade para um nível quase inaceitável. A estrutura do século XIII era mais pequena do que se poderia esperar, em especial depois de vista nos filmes. Mas era impressionante, com as suas torres gêmeas e portais intrincadamente talhados na fachada oeste.

Acacia não era cristã, mas tomou uma nota mental para assistir à missa na catedral assim que pudesse. A experiência estética alimentava-lhe a alma, e não conseguia admirar as rosáceas da sua mota.

Virou as costas a Notre-Dame e seguiu para norte, para poder passar pela histórica casa de Heloísa e Abelardo. Acacia não gostava da sua história. Na sua opinião, Abelardo era manipulador e controlador, e Heloísa fora tola e codependente. Mas admirava o seu amor, mesmo que não o conseguisse compreender. Por isso, com uma mão no coração, prestou a sua homenagem àqueles amantes mortos desde o século XII.

Voltou para a Petit Pont e atravessou para o Quartier Latin, onde vivia. Sorriu para alguns dos edifícios da Sorbonne, a sua antiga universidade, antes de entrar na Rue Soufflot e estacionar a sua motocicleta.

Acacia vivia num pequeno estúdio no terceiro andar de um velho mas belo edifício, na esquina da Rue Saint-Jacques com a Rue Soufflot. O estúdio pertencia aos pais de uma amiga que, por causa da sua amizade com a filha, a abençoavam com uma renda que conseguia pagar. Acacia vivia naquele apartamento desde os tempos de estudante.

Não havia elevador no edifício, mas poucos, se é que algum, dos edifícios mais antigos o tinham. Subiu as escadas com a sua mochila.

— Olá. — Kate, a vizinha americana de Acacia, cumprimentou-a em inglês quando ela se aproximou.

— Olá. — Acacia fez uma pausa enquanto Kate trancava a porta do apartamento que partilhava com uma colega, Violaine.

— O que se passa? — Kate desviou a confusão de cabelo ruivo do rosto. — Já não te via há algum tempo.

— Tenho estado a trabalhar. E tu, como estás?

— Cansada. O mestrado está a dar cabo de mim. — Kate puxou a mochila sobre o ombro. — O Bernard vai dar uma festa no sábado à noite. Devias vir.

— Pode ser. — O sorriso de Acacia era cuidadosamente neutro.

— Estás a falar a sério? Na última vez que disseste que vinhas, não apareceste. — Kate fez uma careta.

— Tive de ir trabalhar. Vou tentar compensar, desta vez.

— Ótimo. O Bernard organiza as melhores festas do mundo, e vai ficar contente se tu fores. — Kate apertou o braço de Acacia ao passar. — Dá um abraço ao *Claude* por mim.

Acacia riu-se baixinho e abanou a cabeça. Kate era animada e generosa com os amigos, que eram muitos. Até tinha tentado juntar Acacia com Bernard, que era jornalista e trabalhava no *Le Monde*.

Bernard dava umas festas fantásticas, isso era verdade. Gostava de comida e de bons vinhos e convidava sempre um grupo interessante e diversificado de amigos. Mas Acacia não se sentia atraída por ele e envolver-se com um jornalista estava longe de ser seguro.

Entrou no apartamento. *Claude* recebeu-a com um miado e esfregou-se contra as suas pernas até ela lhe pegar ao colo para o abraçar. Tinha grandes olhos amarelos e um pelo macio e preto. Encontrara-o à porta numa noite chuvosa. Com exceção de Acacia e Kate, detestava toda a gente.

— Olá, fofo.² — Murmurou-lhe palavras ternas em português antes de lhe dar comida e abrir o correio.

Após um jantar modesto e um generoso copo de vinho branco, debruçou-se sobre uma cópia impressa do perfil de cliente de Monsieur Breckman, que levava clandestinamente para casa dentro da sua mochila. Era possível que ele se sentisse embaraçado por ter de pedir a Acacia que devolvesse os presentes para a namorada e fosse por isso que preferia tratar do assunto com Marcel. Mas alguma coisa naquela hipótese não a convencia por completo.

² Em português, no original. (*N. da T.*)

— O Marcel devia ter marcado uma reunião. — Sentada à mesa da cozinha, Acacia conversava com *Claude*, que estava enroscado no seu colo. — Mas não há nada registado na reserva do Breckman. Não é típico do Marcel esquecer-se seja do que for.

Claude pestanejou os olhos amarelos, como que a anuir.

— A não ser que o Marcel tenha tentado marcar uma reunião e fracassado — ponderou Acacia em voz alta. — Mas não teria notificado o Breckman antes da sua chegada?

Marcel era o *concierge* principal, e tinha um grande orgulho no seu trabalho. Não se esqueceria de desempenhar uma tarefa para um hóspede importante. E havia a questão da agressão de que fora vítima. Acacia estava inclinada a acreditar na polícia de Paris em detrimento de Monsieur Breckman, mas a avaliação dele parecia correta. Marcel fora espancado brutalmente, o que não parecia ajustar-se à hipótese de um assalto aleatório.

Perguntou-se se Monsieur Breckman passaria muito tempo a assistir a dramas policiais norte-americanos. Parecia ter uma curiosa compreensão da mente criminoso.

De acordo com a ficha trazida às escondidas, Pierre Breckman era empresário e vinha do Mónaco. A natureza dos seus negócios não era explicitada. Estava classificado pelo hotel como hóspede de quatro estrelas e meia, o que Acacia achou surpreendente. As cinco estrelas estavam reservadas a elementos da realeza e chefes de Estado. Quatro estrelas eram, de um modo geral, para celebridades de alguma espécie. Pierre Breckman não era uma coisa nem outra, mas, claramente — como a gerência enfatizara —, era *um hóspede altamente valorizado*.

Tinha trinta e oito anos, uma preferência por jazz e restaurantes com estrelas Michelin e visitava Paris várias vezes por ano. De acordo com os registos de Marcel, Breckman convivia frequentemente com a elite mundial. Também gostava de eventos desportivos, como futebol e o Open de França.

Durante as suas estadias no Hotel Victoire, nos últimos cinco anos tivera a companhia de três mulheres diferentes, todas significativamente mais novas. Monsieur Breckman não era considerado difícil ou problemático, o que tornava desconcertante o seu comportamento naquele dia. Mostrava-se sensível a respeito da cicatriz, o que era compreensível. Mas o seu ficheiro não mencionava quaisquer cenas desagradáveis ou comportamentos extravagantes.

Silke Rainier, uma modelo suíça, tinha sido a companheira mais recente de Monsieur Breckman. A separação devia ser muito recente, uma vez que Marcel a incluía nas suas notas sobre a atual reserva.

Acacia pôs de parte as páginas impressas. Sabia que os funcionários que tratavam das reservas e o pessoal da limpeza lhe podiam ter dito muito mais do que aquilo que estava registado no arquivo. Mas não se dava muito bem com os primeiros e não queria tornar-se conspícua junto dos últimos, que eram conhecidos pela sua inclinação para os mexericos.

Abriu o portátil e pesquisou «Pierre Breckman» no Google, o que gerou apenas informação suficiente para confirmar o que estava escrito no ficheiro. Estranhamente, nenhuma das entradas incluía fotografias.

A pesquisa por Silke produziu centenas de entradas. Embora Acacia não a reconhecesse, as fotografias de Mademoiselle Rainier estavam espalhadas por toda a Internet, incluindo imagens recentes em que apanhava banhos de sol em *topless* com uma estrela de cinema americana, no convés de um iate. A forma como acariciava o rosto incólume do novo homem parecia calculada, se não mesmo punitiva para Monsieur Breckman, que, sem dúvida, veria as fotos.

— Que exibição tão cruel — sussurrou Acacia.

Claude respondeu esfregando a cabeça contra a sua barriga, como que a concordar.

Enquanto Monsieur Breckman andara ocupado a comprar presentes para a namorada, ela estava em *topless* com outra pessoa. Acacia fechou a janela do motor de pesquisa.

Monsieur Breckman não era do tipo de homem que aceitaria compaixão de bom grado. Reagira com fúria quando ela pedira desculpa por olhar para a sua cicatriz. Claro, provavelmente vira as fotografias da ex-namorada. Não admirava que estivesse tão irritável.

Mas o interesse de Monsieur Breckman pelo ataque a Marcel parecia ser de uma natureza pessoal, tal como as suas perguntas sobre os conhecidos de Marcel. Mais uma vez, analisou as notas sobre a reserva em busca de informação sobre uma reunião, mas não encontrou nada.

Acacia levava muito a sério a sua pertença ao Les Clefs d'Or, e nunca envergonharia a organização participando em qualquer coisa ilegal. Nem todos os *concierges* eram tão escrupulosos. Nunca apanhara Marcel a cometer nenhuma infração, mas, uma vez que ele era seu superior hierárquico e extremamente discreto, era muito possível que as suas cedências morais tivessem passado despercebidas.

Acacia introduziu a mão no decote *da t-shirt* e retirou o amuleto *hamsá* que usava sempre. Nunca tirava aquele pendente de proteção. No entanto, dado o antagonismo francês pelos símbolos religiosos, tinha o cuidado de manter o colar escondido.

Muito mais tarde, estava na cama com *Claude* enroscado em cima dos cobertores, aos seus pés, e olhava sonolentemente para uma reprodução de um dos seus quadros preferidos, *Crepúsculo em Veneza*, pendurada por cima da cama.

Era o Museu de Arte Bridgestone, em Tóquio, que possuía a pintura original. Embora nunca a tivesse visto pessoalmente, Acacia apaixonara-se por ela quando começara a estudar o impressionismo.

A pintura representava a igreja de San Giorgio Maggiore, uma ilha rodeada de água e céu. Monet usara laranjas e rosas para reproduzir a luz do sol poente, escurecendo as cores e passando para azuis e verdes nas extremidades do quadro. A igreja parecia uma cidade flutuante, escura e sombria de encontro à luz quente.

Estudou os movimentos do pincel, admirando a forma como Monet usara linhas onduladas aqui e ali para dar a impressão de suaves movimentos de ondas.

Se se concentrasse bastante, conseguia esquecer tudo o que a rodeava e desaparecer na pintura. Conseguia sentir a evanescente luz do sol na sua pele. Conseguia sentir o odor do mar.

Acacia não era uma idealista. Quaisquer ideais que pudesse ter tido anteriormente tinham morrido anos antes, em Amã. Claro, ninguém na sua vida atual sabia nada a esse respeito. Estava decidida a que as coisas assim continuassem, razão pela qual se escondia por detrás de uma farda azul-marinho, servindo uma clientela flutuante e nunca deixando que ninguém se aproximasse demasiado — nem sequer Luc, o seu ex-namorado.

Acacia fechou os olhos. Não gostava de pensar em Luc, nem no final do seu relacionamento. Não gostava de o recordar deitado naquela mesma cama, a mão que lhe acariciara a pele nua enquanto ele lhe sussurrava ao ouvido. Não tivera mais nenhum amante desde então.

Por muito que o tentasse negar, Acacia sentia-se sozinha. Raramente o admitia e ainda mais raramente se demorava a pensar no assunto. Mas, como a maior parte das pessoas, ansiava por amor e companhia. Ansiava por honestidade e intimidade, embora tivesse vivido sem elas durante anos.

Acacia abriu os olhos e virou-se para o outro lado. *Claude* miou o seu descontentamento por ter sido incomodado.

A posição de Acacia no hotel conferia-lhe um bom ordenado, e ainda recebia milhares de euros em gorjetas, o que lhe permitia sustentar a sua mãe no Recife. Para além disso, estava lentamente a fazer crescer as suas poupanças — a sua estratégia de fuga — e esperava um dia poder trabalhar numa galeria.

Por acaso, o seu olhar recaiu na agenda de trabalho, pousada na mesa de cabeceira.

Todos os *concierges* com uma boa formação mantêm um registo dos pedidos feitos pelos hóspedes. Ela andava sempre com a sua agenda, razão pela qual a tinha sobre a mesa de cabeceira. Os contactos e comentários que continha eram demasiado confidenciais para a poder deixar na secretária de *concierge* ou no seu cacifo no hotel.

Se Monsieur Breckman tivesse pedido a Marcel para marcar uma reunião, o *concierge* teria registado os pormenores. De facto, todo o trabalho que fizera para Breckman devia ter sido anotado, com a possível exceção de quaisquer atividades ilegais. Não havia dúvida de que Marcel devia ter a sua agenda consigo quando fora atacado, o que significava que podia estar caída na rua, perto do hotel. Talvez a polícia não tivesse reparado nela.

Acacia resolveu procurar a agenda antes de iniciar o seu trabalho na manhã seguinte.

Capítulo 4

Pierre Breckman estava sentado no excepcional terraço da suite a olhar para a bem iluminada Torre Eiffel. Bebeu um pouco da sua vodca com água tônica e perguntou-se porque teriam ruído todos os seus planos. Silke acabara com ele de uma forma bastante pública. Sentiu a tensão arterial subir quando se lembrou das fotografias dela com o novo amante. Ela não merecia sequer o seu desprezo, depois de uma exibição tão narcisista, mas não deixava de estar zangado. Ela ferira o seu orgulho, embora odiasse admiti-lo. Não era a primeira vez.

Dirigiu-se para a berma do terraço e debruçou-se sobre o parapeito. Ouviu o substituto de Rick sair para o terraço, simplesmente para o vigiar.

Depois lembrou-se da brasileira alta, com os fascinantes olhos cor de avelã. Ali, na sua suite, a discutir as virtudes de Monet.

Havia nela uma franqueza que suscitara o seu interesse. Era profissional e honesta, ou, pelo menos, assim parecera. Dado o estado moral dos seus colegas, ele tinha as suas desconfianças.

Pierre bebericou a sua bebida. Era possível aliciar alguém para a corrupção com umas poucas sugestões bem colocadas.

À medida que a sua fúria retrocedia, teve consciência dos efeitos debilitantes da raiva. Ela tornava-o imprudente. Tornava-o tolo. Já jurara nunca mais ser essas coisas.

A Torre Eiffel parecia piscar-lhe o olho, convidando-o a visitá-la. Para o fazer, precisaria de uma companhia digna de um local tão belo e romântico.

Por vezes parecia estar rodeado por víboras. Não existia mulher digna da Torre Eiffel.

Virou-lhe as costas e voltou para dentro.

Capítulo 5

Na manhã seguinte, Acacia visitou o seu *dojo* local muito mais cedo do que o costume, para ter tempo de procurar a agenda de Marcel. Mantinha em segredo o facto de praticar artes marciais. Luc soubera, claro. Quando estavam juntos, as suas visitas diárias ao *dojo* coincidiam com o tempo que ele passava no ginásio.

Fora a mãe que a matriculara nas aulas de *jiu-jitsu* em pequena, na esperança de que isso lhe permitisse defender-se. De facto, as aulas tinham sido bem-sucedidas. Quando chegara a França, passara para o karaté. Acacia apreciava a confiança serena que as artes marciais lhe proporcionavam, para além da força que conferiam ao seu corpo.

Chegou ao hotel quarenta e cinco minutos antes do início do seu turno e estacionou a motorizada perto de uma das entradas de peões do parque de estacionamento subterrâneo do Victoire, que ficava mesmo na frente do hotel.

Teve o cuidado de olhar em volta antes de descer da mota. A Avenue George V era sempre agitada — havia automóveis estacionados aqui e ali, o fluxo de trânsito deslocava-se de forma consistente rua abaixo e os peões pontuavam os passeios. Aproximou-se atentamente da mota de Marcel, que estava estacionada ali perto.

A avenida atravessava um bairro que alojava boutiques de luxo, incluindo Hermès, Bulgari, Givenchy e Saint Laurent. Os dois passeios da rua eram emoldurados por árvores adultas. Edifícios altos alinhavam-se de cada um dos lados. Devido ao número de automóveis e carrinhas estacionados, havia muitos sítios onde uma pessoa se podia esconder. Outras motorizadas flanqueavam a de Marcel. Ainda havia vestígios da fita da polícia agarrada ao veículo, mas a área fora varrida.

Acacia espreitou para debaixo das motorizadas e *Vespas* em busca da agenda do colega. Procurou na estrada, no passeio e verificou nas sarjetas. Até espreitou para dentro de um caixote do lixo próximo. A agenda não se encontrava em lado nenhum.

Enquanto pesquisava a área, ocorreu-lhe que havia alguma coisa estranha na escolha daquele local para um assalto, mesmo na frente do hotel. Dada a agitação da rua, o ataque devia ter sido visto. Mas nenhuma testemunha se apresentara, com exceção da pessoa que encontrara o corpo ensanguentado de Marcel e chamara a polícia.

Ser *concierge* era, em alguns aspetos, semelhante a ser detetive. Era preciso resolver problemas, encontrar coisas e, de vez em quando, localizar pessoas. Acacia perguntou-se se Marcel teria encontrado alguma coisa que o pusera em risco.

Percorreu a pé a curta distância até à entrada de serviço do hotel e trocou de roupa na sala do pessoal, prendendo com orgulho os seus alfinetes de *concierge* na farda azul-marinho. No início do turno, sentou-se na secretária de *concierge* e pousou a sua agenda ao lado do computador do hotel. Verificou o calendário para aquele dia e estendeu a mão para a sua caneta. A caneta tinha desaparecido.

Pensando que a deixara cair, empurrou a cadeira para trás e procurou debaixo da secretária. A caneta estava no chão, à direita, por baixo de uma das gavetas da secretária. Estendeu a mão para a agarrar e, ao retirá-la, roçou na gaveta.

Porém, em vez da solidez da madeira, tocou noutra coisa qualquer. Confusa, apalpou o fundo da gaveta. Alguém prendera o que parecia ser um livro por baixo.

— Preciso do *concierge* — disse uma voz arrogante por cima dela.

Acacia endireitou-se e empurrou a cadeira para junto da secretária. Sorriu para uma senhora de idade muito bem vestida.

— Sim, *madame*.

Pelo canto do olho, viu Monsieur Breckman entrar no átrio vestido com outro fato preto e rodeado por um destacamento de segurança que crescera e passara a ser formado por seis homens.

Perguntou-se se ele andaria sempre de fato preto. Perguntou-se se a Terra pararia de girar no seu eixo se ele usasse, por exemplo, azul-marinho.

O homem dirigia-se para o balcão da receção. Quando a viu, mudou de direção, tal como os seguranças, que o seguiam como grandes patos de fatos escuros atrás da mãe.

A mulher mais velha soltou um sopro de desdém, como se a momentânea distração de Acacia fosse um desperdício do seu tempo valioso.

O sorriso de Acacia alargou-se, ao mesmo tempo que fazia sinal com a mão na direção de uma das cadeiras.

— Eu sou a *concierge, madame*. Como posso ajudá-la?

A mulher recusou-se a estabelecer contacto visual e ajustou o seu casaco Chanel.

— Eu não quero falar com uma pessoa de Espanha. Eu quero um *concierge francês*.

Acacia manteve firmemente o seu sorriso.

— Sou natural do Brasil, mas vivo aqui em Paris. Terei todo o gosto em ajudá-la.

— Vá buscar um *concierge francês*. — A mulher instalou-se numa das cadeiras, não se dando ao trabalho de olhar na direção de Acacia.

— Bom dia, *mademoiselle* — cumprimentou Monsieur Breckman enquanto se aproximava da secretária. Olhou para a mulher mais velha com uma expressão de superioridade. — Quando terminar com a *concierge*, eu preciso de falar com ela.

— Eu não lido com estrangeiros — disse a mulher, empertigada. — Estou à espera para falar com um *concierge francês*.

O homem baloiçou sobre os calcanhares e as suas sobranceiras negras uniram-se.

— Estrangeiros? E a senhora é de onde, *madame*?

A mulher passou os dedos pela insígnia dourada da sua carteira Chanel.

— Eu sou de Lyon.

— A sério? — Os olhos de Breckman cintilaram, maliciosos. — Então, creio que deve estar familiarizada com a história de Lyon.

A mulher fitou-o, carrancuda.

— Com certeza. Vivi ali a minha vida inteira.

— Então, quase de certeza que também é uma imigrante. — O homem examinou o teto, como que mergulhado em pensamentos. — Se bem me lembro da história de Lyon, os imigrantes romanos chegaram de Viena no primeiro século. Estava lá nessa altura?

A mulher engasgou-se, mas Monsieur Breckman continuou.

— E os refugiados borgonheses que fugiram dos hunos no século v? De certeza que se lembra deles, já que vive em Lyon há tanto tempo...

— Como se atreve! — A mulher estava rubra de indignação.

— Como se atreve, *madame*. — O olhar do homem era gelado. — Como a revolução nos ensinou, ser francês é ser-se devotado aos princípios de *liberté, égalité e fraternité*. Uma vez que foi a senhora que abandonou esses princípios, foi também a senhora que cessou de ser francesa.

Acacia ergueu-se de detrás da sua secretária e interrompeu-os.

— *Madame*, eu posso apresentar-lhe um dos meus colegas, se preferir.

— O fascismo e a xenofobia não têm lugar em França — continuou o hóspede, os olhos castanhos a faiscar. — Não têm lugar no mundo, embora pareça, infelizmente, que assentaram residência em Lyon.

— Vou falar com o gerente sobre esta conversa. É um escândalo. — A mulher de idade olhava para Monsieur Breckman com um ar furioso. — Nunca fui tão insultada em toda a minha vida.

O homem fez uma pequena vénia.

— Por favor, dê os meus melhores cumprimentos a Monsieur Roy. Ele sabe onde me encontrar.

A mulher dirigiu-lhe um olhar arrogante e seguiu Acacia até ao balcão da receção, onde foi apresentada a Céline, loira e de olhos azuis.

Quando Acacia regressou, Monsieur Breckman já estava sentado na cadeira na frente da sua secretária. Os seguranças tinham recuado, com exceção de Rick, que se mantinha na sua sombra.

Ela sentou-se e abriu a agenda.

O hóspede inclinou a cabeça na direção do balcão da receção, o olhar atento.

— Isto acontece muitas vezes?

— *Monsieur*, eu...

— *Mademoiselle*? — Os olhos dele fixaram os seus, o tom de voz assemelhando-se mais a uma ordem do que a uma pergunta.

Ela encolheu os ombros, demasiado ciente de que o átrio estava cheio de hóspedes e de pessoal do hotel.

— Como correu o seu serão?

O homem ignorou a questão dela enquanto observava os outros hóspedes.

— O sentimento anti-imigração está a crescer na Europa. Não esperava encontrá-lo aqui.

— Paris é o mundo inteiro. — Acacia tentava aligeirar a situação com o humor.

— É o que dizem — respondeu o hóspede, os olhos fixos nos dela. — É mais controlada do que eu.

— Um *concierge* fornece sempre o seu serviço através da amizade.

— Amizade com uma xenófoba? Parece-me improvável.

— Não podemos escolher os nossos hóspedes, mas podemos escolher a forma como reagimos. — Acacia olhou para a receção, onde a mulher de Lyon parecia estar a fazer Céline passar um mau bocado.

Os seus olhos regressaram ao homem sentado na sua frente.

— Se alguém me odeia e eu respondo com ódio, a única coisa que estou a fazer é a reforçar esse ódio. Se responder com bondade, estou a mudar a conversa. Ao receber bondade, talvez a pessoa que me odeia veja um caminho melhor, mais pacífico.

Monsieur Breckman fez um som que chegou perigosamente perto do ronco de troça.

— Censura-me por ridicularizá-la?

— Não, *monsieur*.

O hóspede lançou-lhe um olhar duro.

Acacia ergueu a caneta de modo a chamar-lhe a atenção.

— Como correu o pequeno-almoço, esta manhã? Estava tudo ao seu gosto?

— Agora que penso nisso, não há muita diversidade entre o pessoal do hotel. — Virou-se de novo na direção de Céline.

— Há diversidade no pessoal, garanto-lhe. — O olhar de Acacia desviou-se para a secretária. Estava ansiosa por retirar o misterioso artigo preso à gaveta, mas não na frente dele.

— Estou a atrasá-la? — Os olhos do hóspede moveram-se do rosto dela para a secretária.

— Não, *monsieur*. — Ela corou. — Como correu o seu jantar no Guy Savoy, ontem à noite?

— Uma obra de arte. O próprio chefe foi cumprimentar todos os presentes. Já o conheceu?

Ela sorriu, com pena.

— Não tive esse prazer.

— A sério? — Monsieur Breckman parecia surpreendido. — Disse-me que envia hóspedes para lá com regularidade.

— É verdade.

— E nunca lá jantou?

— Fiz uma visita ao restaurante. Fiquei impressionada com o local. O edifício que ocupam já abrigou a casa da moeda francesa.

Ele estudou-a.

— Deve ser frustrante organizar todas estas experiências sumptuosas para os seus hóspedes, mas nunca as viver pessoalmente.

— Prefiro pensar nisto como uma oportunidade. — Ela folheou a agenda até chegar às entradas do dia anterior. — A respeito dos artigos que me entregou ontem, consegui devolver todos exceto os presentes da *Modiste*. Lamento, mas não aceitam devoluções de artigos feitos por medida.

— Raios. — Ele olhou Acacia nos olhos. — Não têm qualquer utilidade para mim.

Ela mordeu o interior da bochecha para evitar fazer uma observação impertinente.

— Dá-me licença que faça uma sugestão?

— Com certeza.

— Como os artigos não foram usados, podem ser doados para instituições de solidariedade. Há uma instituição local, a *Vision du Monde*, que poderia leiloar os artigos discretamente e doar os lucros a crianças necessitadas.

— Isso é uma proposta interessante. — Ele coçou o queixo. — Muito bem.

— Garantirei que os artigos são entregues, juntamente com uma curta explicação. O recibo será emitido em seu nome.

— De maneira nenhuma.

— Prefere que a doação seja feita anonimamente?

Ele fez-lhe um olhar que era, em si, uma resposta.

— Muito bem. — Acacia tomou nota daquela conversa na sua agenda, ignorando a sensação dos olhos dele em cima de si.

— Não tinha pensado em doar os artigos a uma organização de solidariedade. Costuma encorajar os hóspedes a fazerem doações a instituições desse tipo?

— Muitos dos nossos hóspedes já estão envolvidos em filantropia. Por vezes, quando estou a resolver algum problema para um hóspede, surge uma oportunidade de ajudar alguma instituição. A decisão é do hóspede, claro. Eu limito-me a apresentar um grupo de soluções.

— Compreendo. Obviamente, a clientela deste lugar pode dar-se ao luxo de ser generosa. Mas os que podem dar-se ao luxo de ser generosos raramente o são, pela minha experiência.

— Um doador precisa de ser suficientemente motivado. — Acacia sorriu. — Precisa de ver o valor e o objetivo de doar a instituições de caridade.

— Falhou a sua vocação. Devia ter-se dedicado à filantropia.

O sorriso de Acacia alargou-se.

— Todos podemos fazer a nossa parte e ajudar os outros, independentemente da nossa ocupação.

O hóspede franziu o sobrolho.

— Passa-se alguma coisa, *monsieur*?

— É muito diferente dos *concierges* com que costumo lidar. Mencionou ontem que fala várias línguas. Quantas?

— Seis.

Monsieur Breckman pareceu impressionado.

— E quais são?

— Francês, português, inglês, espanhol, russo e árabe.

— Árabe? — repetiu o hóspede. — Porquê o árabe?

A resposta de Acacia foi instintiva.

— O árabe é importante na indústria dos serviços em Paris.

— E estudou arte na Sorbonne?

— Sim. — Acacia não tinha qualquer intenção de expandir a resposta.

Por um momento, ponderou mencionar a agenda de Marcel. Era possível que contivesse coisas privadas e pouco lisonjeiras relativas a Monsieur Breckman e outros hóspedes. Se o conteúdo da agenda fosse tornado público, podia ser embaraçoso para ele.

Mas depois ele perguntou:

— Que idade tem?

Ela virou-se para o portátil e premiu algumas teclas.

— *Monsieur*, não creio que...

Ele interrompeu-a.

— Posso descobrir por outros meios, mas estou a fazer-lhe a cortesia de perguntar diretamente. Quantos anos tem?

— Trinta e cinco. — As palavras de Acacia eram secas. Inspirou fundo pelo nariz e combateu a vontade de se remexer na cadeira.

— Trinta e cinco — repetiu ele, como se o número fosse uma revelação. — Então não deve ter andado na Sorbonne na mesma altura que... — Ele mudou de posição na cadeira. — Decidi prolongar a minha estadia. Como o Marcel não está disponível, pensei aproveitar os seus serviços.

— Como posso ajudá-lo? — Acacia posicionou a caneta sobre a sua agenda aberta.

O homem consultou o dispendioso relógio de pulso.

— Quero um fato novo, feito à medida.

— Deseja fazer uma visita ao alfaiate ou prefere que ele venha à sua suite?

— Traga-o aqui. Diga-lhe que estou à procura de um fato preto e que o quero pronto a tempo de um jantar, esta noite.

Acacia conteve uma gargalhada e resistiu ao impulso de lhe dizer que ele já possuía no mínimo dois fatos pretos, pelo que lhe fora possível observar.

— Lamento, mas qualquer alfaiate parisiense respeitável vai precisar de pelo menos duas provas e um mínimo de setenta horas de trabalho. Alguns precisam de ainda mais tempo.

— A sério? — O homem tentou soar surpreendido, mas falhou. — Monsieur Roy referiu-se a si como uma espécie de trabalhadora milagrosa.

— Sou *concierge*, não santa.

Os olhos do hóspede adquiriram uma nova intensidade.

— Eu também não, *mademoiselle*, garanto-lhe.

Acacia sentiu qualquer coisa disparar entre eles — se era uma faísca de atração ou de aviso não tinha a certeza.

Baixou o olhar.

— Posso recomendar-lhe um ou dois alfaiates da Rue de la Paix e deixá-lo escolher ou prefere que eu escolha por si?

— Escolha, mas escolha o melhor. Também estou a necessitar de um par de camisas e de uma gravata nova. Quero que o alfaiate comece o mais depressa possível. Não sei muito bem quanto tempo vou estar em Paris.

Acacia registou os pedidos na sua agenda.

— Vou fazer o meu melhor, *monsieur*.

— Tenho a certeza que sim. — Ele parecia estar a resistir à tentação de sorrir.

— Mais alguma coisa? Precisa de reservas para o jantar? Ou bilhetes para algum espetáculo ou museu?

O hóspede ficou pensativo.

— Pode haver uma ou duas coisas.

— Será um prazer.

O homem franziu o sobrolho.

— Não vejo como é que isto pode dar prazer a alguém. Fala seis línguas e estudou arte na Sorbonne. Não preferia estar a trabalhar no mundo da arte? Não ser insultada por racistas? — Ele acenou para a farda dela. — Não ter de andar às voltas como uma lacaia do gerente? Não consigo perceber como uma pessoa com a sua inteligência e educação se pode contentar em trabalhar num ambiente como este.

Este discurso atingiu-a. Uma fúria quente e violenta ardeu no seu íntimo.

Uma torrente de palavras feias ficou presa no fundo da sua garganta. Ele não fazia ideia, não fazia a mínima ideia da razão por que fazia o que fazia. Nem que tinha uma estratégia de fuga.

Agarrou na caneta com tanta força que pensou que a podia partir.

O olhar do homem fixou-se na caneta, e a sua expressão de desagrado metamorfoseou-se noutra coisa.

Acacia concentrou-se na respiração, uma técnica que aprendera durante a prática de artes marciais, e baixou a mão para o colo.

Enquanto respirava, reparou que Monsieur Roy escolhera aquele momento para entrar no átrio. Sentiu-se grata por não ter dado voz à fúria que se debatia para escapar dos seus lábios franzidos.

O gerente acenou com a cabeça a Monsieur Breckman, que devolveu o aceno, e desapareceu no pátio de mármore, parecendo alheio à exibição de fúria por parte de Acacia.

— Falei sem pensar. — A voz do hóspede era baixa.

Acacia manteve a mão e a caneta no colo. Evitou-lhe o olhar.

— Tem mais algum pedido?

— *Mademoiselle?*

— *Monsieur?* — Ela respirou fundo.

O hóspede pousou uma mão aberta sobre a secretária, ao lado da agenda aberta.

— Acacia, peço desculpa.

Ela visualizou a sua fúria como uma onda, observando-a com o olho da mente enquanto ela retrocedia com a maré. Sentiu o corpo começar a descontrair.

Levou a caneta à agenda. E esperou.

Na sua visão periférica, viu o hóspede mover a mão, passando-a sobre a cicatriz para esfregar a testa.

— Tudo nesta viagem foi para o diabo. Primeiro Silke. Depois Marcel.

Os olhos de Acacia arriscaram-se a ir ao encontro dos dele.

— Peço desculpa — repetiu ele firmemente. — Não tem sido senão profissional perante a fealdade, *mademoiselle*. Lamento ter contribuído para essa fealdade. Eu não sou assim.

Naquele momento, a expressão do homem parecia mais aberta. Parecia contrito.

Acacia olhou de relance para Rick, que não se deu ao trabalho de retribuir o olhar. Ela perguntou-se o que faria ele se lhe falasse diretamente. Perguntou-se o que diria se ela ousasse criticar o seu empregador.

— O Victoire tem muita sorte em poder contar consigo — continuou o hóspede. — Duvido que tenham uma noção exata da sorte que têm.

Acacia ignorou o elogio.

— Vou tratar da marcação com o alfaiate. Agora, se não houver mais nada...

— Uma rodada de bebidas para si e para o resto do pessoal, com os meus cumprimentos.

Os olhos de Acacia abriram-se ainda mais.

— Isso não é necessário.

— É, sim. — O tom de Monsieur Breckman era firme.

Acacia optou por não discutir com ele. Uma oferta de bebidas ao pessoal contribuiria para elevar o moral, depois do ataque a Marcel.

— Vou tratar disso no bar.

— Obrigado. — O hóspede alisou a gravata de seda. — Só por curiosidade, alguma vez recebeu um pedido que não tenha sido capaz de satisfazer?

— Uma vez, um hóspede pediu um fato feito por medida num par de horas.

Ele sorriu, e o seu sorriso quase lhe obliterou a cicatriz.

— *Touché*.

— Mencionou um compromisso para o jantar. Precisa de uma mesa aqui no hotel ou deseja que faça uma reserva noutra sítio qualquer?

— Creio que a pessoa com quem me vou encontrar já tratou disso.

— Olhou-a, pensativo. — Há mais uma coisa em que gostaria de ter a sua ajuda.

— Sim?

— Nas minhas viagens, tenho andado à procura de uma relíquia de Santa Teresa de Ávila. Gostaria que me adquirisse uma.

A boca de Acacia abriu-se de espanto.

Fechou-a rapidamente e registou o pedido, decidindo que não ia mencionar a agenda desaparecida de Marcel.

— Pode ajudar-me? — Os olhos dele estudavam-na.

Acacia manteve uma expressão neutra.

— Vou pesquisar o assunto e apresentar-lhe as opções.

O rosto do homem evidenciou sinais de admiração.

— Obrigado. Por agora é tudo.

Levantou-se e abotoou o casaco do fato.

Ela olhou para ele.

— *Monsieur*, como mencionei ontem, não consegui encontrar quaisquer

apontamentos do Marcel a respeito da sua reunião. Conseguiu saber os pormenores?

Ele olhou por cima do ombro rapidamente, tão rapidamente que já se tinha voltado de novo para Acacia ainda antes de ela perceber que ele se movera.

O homem colocou as mãos no tampo da secretária e inclinou-se para ela.

— Esqueça a reunião — vociferou num sussurro. — Não a volte a mencionar. A ninguém.

Acacia recuou com a cadeira para fora do alcance dos longos braços do hóspede.

Rick levou a mão ao cotovelo do empregador.

Evidentemente, o toque foi o suficiente para captar a atenção do hóspede. Ele recuou de imediato.

Monsieur Breckman desviou o cabelo da testa e ajustou as mangas do fato. Marchou pelo átrio na direção das traseiras do hotel, com o destacamento de segurança a formar uma parede impenetrável à sua volta.

Rick olhou de relance por cima do ombro, os olhos fixos em Acacia.

Ela estava gelada. Nunca tinha sido ameaçada por um hóspede. O tom e a expressão dos olhos dele não tinham deixado quaisquer dúvidas. O facto de Rick ter tido de intervir tornava a situação ainda mais ameaçadora.

Acacia não perdeu tempo. Certificou-se apenas de que ninguém a estava a observar antes de se baixar para retirar o objeto de debaixo da secretária. Precisou de várias tentativas para soltá-lo, já que estava preso à gaveta com fita adesiva larga.

Acacia enfiou o artigo dentro de uma pasta de arquivo, a salvo de olhares indiscretos. Levou a pasta para a sala do pessoal e barricou-se na casa de banho adjacente. Só então examinou o seu conteúdo.

Era uma agenda encadernada a pele, muito parecida com a sua. Desapertou o fecho na capa e abriu-a. Na folha de rosto, na letra de Marcel, estava escrito o seu nome completo e dados de contacto.

Os seus pensamentos voaram para o colega, deitado, inconsciente, numa cama de hospital.

Folheou a agenda até à última página. Havia uma entrada que incluía a data desse dia e as seguintes palavras:

Breckman. 22 horas. Importante. V.

...

Acacia percorreu rapidamente as entradas anteriores em busca de alguma referência a Pierre Breckman. Era nomeado, de facto, juntamente com Silke Rainier, mas não havia nada de invulgar nas notas de Marcel — apenas observações sobre preferências em relação ao pequeno-almoço, uma alergia aos morangos, os presentes para Silke que fora pedido a Marcel que adquirisse e uma reserva para jantar no Guy Savoy.

Não havia qualquer indicação sobre as pessoas com quem Breckman se deveria encontrar naquela noite às dez, a não ser que a inicial de uma das pessoas fosse um «V».

O que estaria o Marcel a fazer? E porque teria sido atacado?

Monsieur Breckman podia ter ameaçado Acacia, mas não conseguia controlar os pensamentos dela. E, naquele momento, ela estava a pensar que a ligação entre o hóspede e Marcel era um pouco sinistra.